



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

GEISA ESTEFANNY FONTOURA DE SOUZA

**AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA QUE
BUSCAM ABRIGO TEMPORÁRIO NA PRAÇA DO FERREIRA EM FORTALEZA –
CE, NO ANO DE 2019.**

ACARAPE-CE

2018

GEISA ESTEFANNY FONTOURA DE SOUZA

AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA QUE BUSCAM
ABRIGO TEMPORÁRIO NA PRAÇA DO FERREIRA EM FORTALEZA – CE, NO ANO
DE 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
à Banca Examinadora da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel
em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jon Anderson Machado
Cavalcante.

ACARAPE-CE
2018

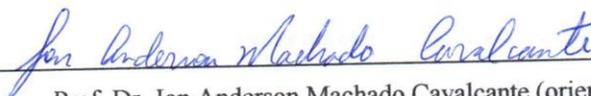
GEISA ESTEFANNY FONTOURA DE SOUZA

AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA QUE BUSCAM ABRIGO TEMPORÁRIO NA PRAÇA DO FERREIRA EM FORTALEZA – CE, NO ANO DE 2019.

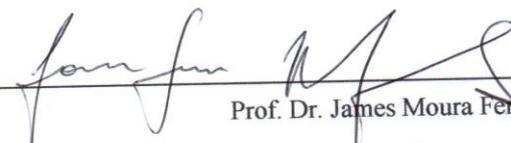
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 26/10/18.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante (orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)


Prof. Dr. James Moura Ferreira Junior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)


Prof. Dr. José Maclecio de Sousa

Prof. Dr. Rede Pública Municipal de Educação de Fortaleza - Ceará

RESUMO

Neste projeto de pesquisa visou construir uma problemática que aborde as experiências de pessoas em situação de rua na Praça do Ferreira, que revelem a realidade em que essas pessoas se encontram, seus itinerários até esse local, suas relações significativas ali construídas, os seus acontecimentos marcantes, de modo a levar em consideração os diferentes marcadores sociais dessas pessoas e suas narrativas. Neste sentido, o objetivo geral deste projeto é compreender quais são as experiências vividas por pessoas em situação de rua que buscam abrigo na Praça do Ferreira em Fortaleza – CE, no ano de 2019. Para isso, a abordagem metodológica escolhida neste projeto será qualitativa, que, segundo Godoy, está voltada para a percepção e significados produzidos pelos sujeitos em seu contexto de vida. Os instrumentos de produção de informações, neste caso, serão uma observação exploratória e, posterior e principalmente, a entrevista voltada para a narração da trajetória, dos acontecimentos e das relações vividas na praça pelos/as participantes. Pretende-se a compreensão das narrativas dos/as participantes através a articulação de duas perspectivas: a análise temática e com a análise dialógica. Na primeira, com enfoque nos temas emergentes sobre as experiências vividas e, de modo complementar, na análise dialógica o interesse é voltado ao contexto, às circunstâncias da experiência e em que a narrativa ocorre. Ao considerar que o objetivo deste projeto é compreender as experiências dos sujeitos na praça, a análise terá como foco as suas narrativas sobre e nesse contexto, o entendimento das escolhas e de suas percepções dos acontecimentos ali vividos, pensando nos significados que eles trazem para os/as narradores/as. Em suma, a relevância e a contribuição para a formação acadêmica desta pesquisa é obter informações que possibilitem pesquisas futuras neste tema, considerando que é um tema ainda com muitos aspectos a discutir e muito pertinente, que precisa de mais atenção no campo acadêmico e social.

Palavras-chave: Situação de rua, Experiências, Interseccionalidade, Praça do Ferreira.

SUMÁRIO

1.0 APRESENTAÇÃO	7
2.0 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivos específicos	11
3.0 JUSTIFICATIVA	12
4.0 INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS	16
4.1 Situação de rua	16
4.2 A praça e as visibilidades da sua ocupação	19
4.2 Experiência e interseccionalidade	21
5.0 METODOLOGIA	24
5.1 Pesquisa qualitativa	24
5.2 Delineamento metodológico	25
5.3 Local e descrição dos participantes	27
5.4 Análises dos dados	28
6.0 REFERÊNCIAS.....	29

À minha família e amigos que apoiaram e deram suporte para que esse momento fosse possível.

Ao meu orientador, Jon Cavalcante, pela compreensão e enorme paciência.

À minha amiga e irmã Marcelly Fontoura, pela paciência e incentivo.

À todos que acreditaram no meu esforço.

À mudança.

1.0 APRESENTAÇÃO

A princípio, para a abertura deste projeto de pesquisa, é necessário acentuar que se trata de uma pesquisa que busca entender quais são as experiências vividas por pessoas em situação de rua que buscam abrigo na Praça do Ferreira em Fortaleza – CE, no ano de 2019, visto isso, em seguida apresento uma definição que diz respeito à população em situação de rua:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Decreto nº 7053/2009, art. 1º, Parágrafo Único).

A definição de pessoas em situação de rua se faz necessária para que o(a) leitor(a) possa compreender a princípio o objeto de pesquisa deste projeto. Além disso, é preciso também compreender o cenário onde ocorrerá este estudo, que se trata de uma praça pública na cidade de Fortaleza, a Praça do Ferreira, que pode vir a ser uma estratégia de permanência dessas pessoas, pois nela possuem total direito e liberdade de ocupar este espaço.

A respeito da população de em situação de rua do País, a estimativa mais recente encontrada, foi, de acordo com Natalino (2016),

Estima-se que existam 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil e essa população se concentra fortemente em municípios maiores. Estes dados de pesquisa, foram os mais atuais encontrados, e são uma estimativa sobre a população em situação de rua no Brasil, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), considerando as pessoas que possuem algum cadastro em programas sociais do governo. (NATALINO, 2016, p. 25)

Devido a grande discussão sobre políticas públicas e inclusão social, pelos movimentos sociais ativos na época (2007), fez-se necessária a apresentação de dados de pesquisa como, por exemplo, do I Censo e Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), realizado entre 2007 e 2008, para que houvesse uma visão mais ampla a respeito das pessoas em situação de rua, e afim de criar pautas que assegurassem seus direitos e políticas sociais para essa parcela da população para que efetivamente funcionassem.

No entanto, nem todos dados sobre esses sujeitos são oficiais e consistentes, ainda existem poucas pesquisas realizadas ou em andamento sobre a multiplicidade de aspectos sociais presentes em suas realidades. Mesmo essas pesquisas deixam a desejar, pois não abrangem plenamente toda a heterogeneidade da população em situação de rua. De acordo com minhas pesquisas e leituras, por exemplo, esses dados em maioria se tratam de pessoas a

partir de 18 anos. Essa falta de informações de pesquisa, conseqüentemente, contribui para perpetuar a invisibilidade dessa população. Em relação a Fortaleza, foram encontrados poucos trabalhos neste tema, diante dessa necessidade de informação, isso passou a ser uma das justificativas para desenvolver esta pesquisa.

A praça do Ferreira se encontra em um dos locais de maior fluxo de pessoas do centro da cidade de Fortaleza, além de possuir muitas lojas populares nos seus arredores, também se encontra lá o famoso cineteatro São Luís, quiosques de alimentação e diversos vendedores ambulantes, artistas de rua, exposições variadas e muito mais.

Numa de minhas breves observações à praça, no mês de julho, no ano de 2018, foi possível perceber os espaços ocupados pelas pessoas que buscam ali abrigo temporário: elas se encontram principalmente nos bancos e debaixo das sombras das árvores, as crianças perambulam pela praça brincando e logo é possível perceber a variação de faixa etária. Devido a essa diferença optei por usar “pessoas” e não só delimitar um grupo etário específico, para assim abordar as diferentes experiências, levando em consideração os seus diferentes marcadores sociais, pois pretendo ter uma visão interseccional de seus processos.

Segundo Guiddens e Sutton (2014, p.153): “uma definição pratica de interseccionalidade seria, o inter cruzamento de desigualdades sociais, incluindo classe, “raça”/ etnia, gênero, deficiência, e sexualidade, que gera padrões mais complexos de discriminação do que de esses conceitos fossem dimensionados isoladamente”. Ou seja, é de imensa relevância utilizar um olhar interseccional nesta pesquisa, porque esse olhar possibilitará uma visão mais ampla e complexa dessas pessoas, para pensar as várias formas de exclusão e opressão vividas por cada um, a partir de sua fala enunciativa de suas experiências, para que seja possível compreender seus lugares de fala e quais marcadores sociais eles ou elas possuem.

Pesquisar essas pessoas em situação de rua, sobretudo suas experiências na Praça do Ferreira, foi parte de uma curiosidade e inquietação pessoal que surgiu ao longo do ano de 2018, a partir de uma experiência vivida por mim na cidade de Fortaleza com uma pessoa que se encontrava em situação de vulnerabilidade social naquele momento, que além de me emocionar, despertou a vontade de pesquisar esse tema, na expectativa de que, ao trabalhar com a categoria teórica experiência e com base nas narrativas dos participantes, surgirão novas perspectivas sobre o tema.

À respeito da concepção de experiência de Jorge Larrosa Bondía (2002, p.21): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o

que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”

E, se a experiência é aquilo que nos toca e nos acontece, é preciso destacar as minhas visitas à praça, afim de observar as minhas próprias experiências, e mostrar que a observação participante também é uma forma de acessar esses acontecimentos. Assim, enquanto participante e observadora da praça, como dizia Larrosa, muita coisa me passou, me tocou, ou me aconteceu, possibilitando uma reflexão sobre minhas próprias experiências. E, partindo desse conceito, pretendo focar nesta pesquisa as experiências a partir das narrativas de diferentes pessoas em situação de rua, pois em minha concepção suas singularidades, trarão significados diferentes para cada pessoa de acordo com a sua trajetória de vida e as vivências passadas, levando em consideração também os seus diferentes marcadores sociais e pontos de vista sobre o local.

Tendo em vista essas diferentes narrativas, pretendo nesta pesquisa descrever as relações entre as pessoas e, conseqüentemente, identificar os acontecimentos significativos para elas na praça, pensando também os seus significados individuais ou coletivos.

Quando pensamos em pessoas em situação de rua logo nos vem à mente muitos preconceitos e estigmas sociais por elas vividos:

O estigma é constituído de símbolos. Esses símbolos estão presentes nas formas como as pessoas estão reconhecidas, como também em materiais concretos e em aspectos corporais. No caso das pessoas em situação de rua, esses signos poderiam ser representados pela pele desgastada, pela sujeira no corpo, pelas sacolas carregadas, pelo cheiro de suor, pelas doenças, pela loucura e pelo espaço público como morada (MOURA; XIMENES; SARRIERA; p, 19, 2013).

Estes símbolos os quais essas pessoas carregam, trazem consigo uma grande barreira social, e desta, pode vir a grande dificuldade de socialização com os demais sujeitos e, conseqüentemente, a exclusão social. O olhar interseccional possibilitará visualizar os diferentes efeitos refletidos na vida desses sujeitos a partir dos diferentes marcadores sociais que eles carregam, pois isso reflete no seus modos de vida e em suas formas de resistência.

De acordo com o que pude compreender, a partir das minhas leituras é construído um senso de inferioridade a essas pessoas, fruto de uma colonização opressora, que ainda se reflete nos dias atuais, assim, neste sentido este projeto tem em vista a possibilidade de mostrar ao leitor(a) uma nova perspectiva e visão sobre essas pessoas, para além dos estigmas e rótulos sociais, mas como pessoas que assim como as demais possuem afetos, vivem conflitos, são solidarias, colaboram e discordam entre si e acima de tudo, são seres humanos.

Partindo dessa possibilidade de uma nova visão para o leitor, a escolha deste tema é também uma forma de mudar minha própria visão, pois trago comigo desde a infância uma inquietação pessoal que foi lembrada a partir de uma experiência extremamente comovente, vivida por mim com uma criança que se encontrava no momento em situação de rua, pedindo ajuda no transporte público no ano de 2018 na cidade de Fortaleza. A partir dessa experiência passei a observar a cidade com outros olhos, perceber as interações das pessoas umas com as outras e como os estigmas sociais afetam nessa interação principalmente quando se trata de pessoas em situação de vulnerabilidade social, que mesmo em um local público continuam a ser excluídas do meio social.

Quando escolhi o tema da pesquisa fiz anotações das minhas pré-noções, de início sem grandes intenções, apenas para marcar o meu conhecimento a respeito, no entanto, ao evoluir a pesquisa isso me ajudará a identificar a minha própria evolução. Ao longo dos primeiros seis meses de construção do projeto, passei a frequentar mais o centro da cidade, sobretudo a Praça do Ferreira e observar os acontecimentos ali presentes, tentando ser o mais aberta possível e deixar os meus próprios preconceitos de lado, apesar de reconhecer a grande dificuldade nesse processo.

Devido o impacto que essa e outras situações tiveram em mim veio o desejo de estudar as experiências vividas por pessoas em situação de rua, sobretudo as que buscam abrigo na Praça do Ferreira em Fortaleza, no ano de 2019.

2.0 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Compreender as experiências de pessoas em situação de rua que buscam abrigo na Praça do Ferreira, em Fortaleza-CE, Brasil, no ano de 2019.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar os itinerários das pessoas em questão até a busca por abrigo na Praça do Ferreira.
- Descrever a partir das experiências vividas por essas pessoas, as relações mais significativas vividas por elas na Praça do Ferreira
- Conhecer os principais acontecimentos vividos por essas pessoas na praça.

3.0 JUSTIFICATIVA

Como frequentadora do centro de Fortaleza, desde criança, por volta de 2007, quando ia ao centro de Fortaleza com os meus pais eu me indignava ao ver tantas pessoas dormindo nos bancos da praça, crianças da minha idade ou mais novas pedindo esmolas aos ambulantes com roupas rasgadas, aparências cansadas e muito sofrimento nos olhos. Em 2018, a partir de uma experiência vivida por mim num transporte público da cidade de Fortaleza, que descreverei a seguir, me veio a vontade de pesquisar sobre essa população.

Já passava da meia noite e uma criança que aparentava ter no mínimo dez anos de idade, entrou no ônibus parcialmente cheio para pedir ajuda para comprar comida para ela e seus amigos que também moravam na rua, enquanto pedia a criança mostrava que já havia conseguido uma garrafa de suco e aquela seria a primeira refeição do dia, aos prantos ela olhava para as pessoas no ônibus e levava a mão na barriga demonstrando que sentia dor por estar com fome, todos foram solidários e se emocionaram com aquela cena, que não só me emocionou, mas me motivou a buscar respostas à perguntas que me inquietavam, numa tentativa de dar alguma visibilidade a essas pessoas como também denunciar a desigualdade social e mostrar como ela pode influenciar a população.

Decidi então escrever meu trabalho de conclusão de curso, para a formação em Bacharelado em Humanidades na UNILAB, no ano de 2018, pensando quais são as experiências vividas por pessoas em situação de rua que buscam abrigo temporário na Praça do Ferreira em Fortaleza – CE, no ano de 2019.

Nas pesquisas encontradas sobre esse tema já apontadas, identifica-se que a maioria dos dados se trata de pessoas a partir de 18 anos em situação de vulnerabilidade social, no entanto, existem várias pessoas de faixas etárias diferentes nessa situação que não são apontadas nesses dados. Numa das observações feitas por mim à Praça do Ferreira, foi identificada uma variação nítida de faixas etárias. Crianças recém-nascidas, algumas crianças que aparentavam 3 a 5 anos, outras 8 a 10 anos, adolescentes de 14 a 15 anos, mulheres e homens adultos assim como também pessoas idosas. Visto isso, optei por trabalhar com aqueles/as que estejam na praça e tenham disponibilidade de participar da pesquisa sem especificar uma faixa etária, para ter a possibilidade de abordar diferentes grupos etários.

Uma das leituras pessoais que me motivaram a seguir em frente com este projeto foi a obra fascinante de Jorge Amado, Capitães da Areia de 1937, que denuncia a desigualdade social e, diferente de muitos, mostra uma realidade diferente das crianças e adultos que vivem nas ruas de grandes cidades, sem o estereótipo de delinquentes, mas como

pessoas que sofrem diretamente as consequências da pobreza, e diante disso, precisam de afeto, atenção, educação e um lar, ao mesmo que tempo que também muito afeto, atenção e solidariedade a oferecer.

O peso social dessa pesquisa não está só na crítica às políticas públicas voltadas para essa população, como também é, principalmente, uma denúncia ao descaso político a essa situação. E realizar esta pesquisa então, é também uma forma de não me calar diante de tantas pessoas que vivem nas ruas, viadutos, debaixo de pontes e em praças. É uma forma de denunciar a desigualdade social, a precariedade da economia brasileira, mostrando a versão dessas pessoas sobre a situação em que se encontram.

No que se refere à economia, de acordo com o IGBE: “a taxa de desocupação do trimestre encerrado em março de 2018 chegou a 13,1%, com aumento de 1,3 ponto percentual em relação ao último trimestre do ano passado (11,8%). [...] Houve um aumento de 11,2% nesse contingente, ou mais 1,4 milhões de desempregados no país”. Ou seja, grande parte da população brasileira se encontra desocupada (que significa que essa porcentagem de pessoas está desempregado, inativo, sem trabalho), isso tem relação direta com a economia brasileira e a movimentação de capital, assim como também está ligada a um dos fatores que pode vir a levar essas pessoas à situação de rua.

A desigualdade social não é um problema novo, mas sempre foi um problema social. O colonialismo ainda se reflete em vários aspectos da sociedade, na perspectiva da situação de rua não é diferente, a própria organização das cidades e a criação de periferias é um reflexo desse poder colonial. Desde o “fim” da escravatura muitas pessoas se viram sem opções por não ter oportunidades para recomeçar suas vidas e muitas delas acabaram em situação de rua. De acordo com Martins,

Do ponto de vista político, não se pode esquecer que esta sociedade reproduz essas formas de existência porque historicamente reforçou e aprofundou as desigualdades que fundamentavam a relação de mando-obediência, própria de uma sociedade com herança colonial, escravista, que, portanto, manteve na sua base relações eminentemente autoritárias. Neste contexto, compreendo que a relação com o outro tido como naturalmente inferior, quase desumanizado, que se concretiza, no caso, com os moradores de rua, tende a reforçar, e, em certa medida, legitimar o autoritarismo social, próprio de uma “cultura senhorial” que “[...] naturaliza as desigualdades e exclusões socioeconômicas”, assinalando, dessa maneira, como efetivamente se dá o funcionamento do político (MARTINS, 2008, p.2).

Além do fator histórico, não poderia deixar de apontar a economia do País, como visto acima as altas taxas de desemprego também podem ter relação com o número crescente de pessoas em situação de vulnerabilidade a cada ano. Mas é necessário destacar que esses não são os únicos que podem levar essas pessoas a situação em que se encontram, existem

outros fatores, como por exemplo, problemas familiares, uso abusivo de substâncias psicoativas e até mesmo a solidão.

A desigualdade social e econômica na Praça do Ferreira é gritante, preocupante e muito visível. Quando eu visitei a praça nas férias de julho, em uma noite em que o Cine Ceará estava apresentando um filme de classificação livre e entrada gratuita, não vi nenhuma pessoa que ocupa aquela praça como espaço de morada dentro do cinema ou mesmo na fila da bilheteria. Essas pessoas estavam ao redor, porque a maioria não possui nem mesmo documento de identificação. E se você realmente observar a relação de alguns frequentadores e daqueles que a usam como morada, poderá ver, assim como eu presenciei naquela noite, que a forma como alguns frequentadores olham e tratam as pessoas que estão em situação de rua é com desprezo, medo, sensação de insegurança, mostrando claramente os estigmas sociais citados nesta pesquisa, e essas pessoas em situação de rua na praça mostram, muitas vezes a sensação de inferioridade, vergonha, sempre recuadas aos bancos e extremidades e quando se aproximam dos demais frequentadores estes muitas vezes escondem seus objetos de valor, ignoram os pedidos de ajuda, justificando que não podem ajudar ou simplesmente dando as costas e saindo. Por esses motivos, eu escolhi nesta pesquisa trabalhar com as experiências dessas pessoas para conhecer os principais acontecimentos vividos por essas pessoas na praça.

As políticas públicas são insuficientes, e há um completo descaso sobre a realidade de tantas pessoas que se encontram nas ruas, isso é perceptível, basta observar, essas pessoas continuam invisíveis, algumas nem mesmo fazem parte dos levantamentos de dados de pesquisa por não possuírem documento de identificação ou cadastro em programas do governo, como por exemplo nas pesquisas citadas do IBGE, ou seja, não adianta apenas inserir uma parcela dessa população em pesquisas e incluí-las em programas sociais do governo achando que o problema está resolvido, é preciso reinseri-las na sociedade, oferecer ferramentas e incentivá-las.

É importante referir que, além dos fatores sociais e econômicos, resolvi observar a praça não só como um local de encontros e comércios, mas com um olhar mais voltado, por exemplo, a cartografia de Milton Santos, no que diz respeito ao espaço, que tive a oportunidade de estudar na disciplina de Território e Poder, ministrada pela professora doutora Janaina Lobo. O espaço se dá pelo movimento humano, e a partir desses movimentos passarão a existir diversos significados, por exemplo, um banco de praça pode ter diversos significados para uma pessoa, além da simples função para qual ele foi criado. Nesse sentido,

um dos objetivos específicos dessa pesquisa é descrever a partir dessas experiências, as relações mais significativas vividas por elas nesse local.

Em suma, a relevância e a contribuição para a formação acadêmica desta pesquisa é obter informações que possibilitem pesquisas futuras neste tema, considerando que é um tema ainda com muitos aspectos a discutir e muito pertinente, que precisa de mais atenção no campo acadêmico e social. Viso construir uma problemática que aborde as experiências de pessoas em situação de rua na praça do Ferreira, sejam estas experiências positivas ou negativas, mas que revelem a realidade em que essas pessoas se encontram, para que se possa entender um pouco mais sobre como é estar em situação de rua, levando em consideração os diferentes marcadores sociais dessas pessoas e suas narrativas.

É de grande importância destacar que este projeto possui um grande significado para mim, porque além de ser a minha primeira pesquisa científica é sem dúvidas um grande crescimento pessoal, que a UNILAB me proporcionou como aluna do bacharelado em humanidades, e uma quebra dos meus próprios preconceitos, que se deu a partir das leituras, pesquisas e observações para a sua construção. Portanto, fazer esta pesquisa é uma das formas que eu encontrei como pessoa e como estudante de mostrar que todas as vidas importam, é uma forma de possibilitar uma maior visibilidade a cerca das experiências dessas pessoas que são invisibilidades e silenciadas, é uma contribuição imensa não só para a minha vida profissional mas principalmente para o meu crescimento pessoal quanto pessoa.

4.0 INTERLOCUÇÕES TEÓRICA

4.1 Situação de rua

Para dar início a esta categoria teórica, é necessário abordar uma noção prévia sobre o conceito que será trabalhado neste projeto de pesquisa, que diz respeito à população em situação de rua e como este conceito surgiu.

Apesar de popularmente ainda ser comum nomear àquele que está na rua apenas como “morador”, resumir a vida na rua apenas em morar oculta a multiplicidade das formas dessa população existir... Por isso, foi elaborada a expressão População em Situação de Rua (PSR), essa nomenclatura é resultado do esforço de estudiosos e militantes da área no enfrentamento aos estigmas sociais historicamente associados a esse público (PAZ, 2016, p. 36).

Considerar essa população apenas como moradores de rua seria uma forma de homogeneizar essa população e ocultar os diversos marcadores sociais em intersecção que uma pessoa em situação de rua possui e que fazem parte de suas experiências e dessa multiplicidade de formas de existir. E, no que se refere a essa população e a ocupação do espaço público como moradia, podemos destacar que existe muito preconceito, até mesmo em definir essa população como meramente “moradora de rua”, que se trata de uma problemática que não é atual e de uma população bastante ampla e heterogênea, como exemplo disso, trago uma discussão a cerca da definição dessa população no ano de 2008.

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento (BRASIL, 2008, p. 9).

Buscar os espaços públicos é uma estratégia, é uma forma de resistência e enfrentamento, pois ocupar esses espaços é um dos poucos direitos que restam a essa população. Portanto, ocupar a praça, que é um espaço público, mas está cercado de tensões, e conviver com essas tensões diariamente é uma forma de luta e resistência.

É possível perceber o reflexo da desigualdade social brasileira na divisão das cidades, sobretudo dos grandes centros urbanos, onde muitas pessoas foram deslocadas para as zonas periféricas. Parte dessas populações ao não encontrar melhorias, acabaram se deparando com uma situação de vulnerabilidade social e, sem mais opções passaram a buscar abrigo nas ruas.

Existe também uma grande problemática no que diz respeito à rua como morada. O que faz essas pessoas identificarem ou não o espaço público como morada fixa ou temporária? Visto que, segundo Paz (2016),

Na condição dialética entre a casa e a esfera pública, este é o espaço que se opõe, em termos de estrutura, àquele outro, o do domínio privado, da casa, das relações consanguíneas. A casa é o lugar das pessoas, onde se permitem relações próximas, e a rua é espaço de indivíduos, terra de ninguém (p. 27).

O que não quer dizer que essas pessoas que tem como abrigo os espaços públicos não se relacionem ou não possam estabelecer laços de amizade e solidariedade. A existência dessas relações afetivas ou mesmo conflituosas é característico de uma relação próxima ou familiar, que ocorre com o convívio destes, mesmo que não possuam ligações consanguíneas, fazendo com que essas pessoas possam até vir a se considerar uma família e vejam o espaço público como morada.

Como já mencionado, escolha do espaço público pode vir a ser uma estratégia dessas pessoas, já que ninguém poderá proibi-las de frequentar esses espaços. Devido a isso grande parte da população enquadrada nas pesquisas sobre essa problemática ocupam esses espaços públicos como abrigos temporários ou fixos.

E, no que se refere a dados sobre a população em situação de rua, é necessário destacar que os poucos dados oficiais sobre essa população mostram o descaso político quanto a esse público e dificulta ações que possibilitem melhorias aos mesmos. Como exemplo destas pesquisas, temos:

O I Censo e Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua foi realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) entre agosto de 2007 a março de 2008, sendo executado pelo instituto Meta. Foram identificadas 31.922 pessoas em situação de rua distribuídas nas 71 cidades em que o levantamento foi conduzido (QUIROGA, RODRIGUES, 2009, p. 11).

A respeito dos dados mencionados à cima é necessário ressaltar, que de acordo com Natalino (2016): “municípios como Belo Horizonte, Brasília, Recife e São Paulo não participaram deste levantamento, o argumento mencionado foi que esses municípios possuíam pesquisas em andamento ou já concluídas de sua população em situação de rua”. Já os dados mais atuais encontrados foram do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2016:

Estima-se que existam 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil. Deste total, estima-se que dois quintos (40,1%) habitem municípios com mais de 900 mil habitantes e mais de três quartos (77,02%) habitem municípios de grande porte, com mais de 100 mil habitantes. Por sua vez, estima-se que nos 3.919 municípios com até 10 mil habitantes habitem 6.757 pessoas em situação de rua, (6,63% do total). Ou seja, a população em situação de rua se concentra fortemente em municípios maiores. (NATALINO, 2016, p, 25)

Neste sentido, os dados citados acima, indicam que quão maior o município maior será a população em situação de rua, o que nos mostra que os modos de crescimento e urbanização dessas cidades podem ter uma ligação direta com essa população. Em suma, argumenta-se que o motivo de existirem poucas pesquisas realizadas sobre essas populações, por exemplo, pelo IBGE, são por dificuldades metodológicas de campo. Mesmo quase dez anos após a primeira pesquisa ainda não encontraram solução para este problema. O reflexo disto está diretamente ligado às políticas públicas insuficientes que não atendem toda essa população. Como exemplo destas pesquisas também foram encontrados dados mais atuais sobre a capital Fortaleza, que foram:

O censo nacional identificou, em Fortaleza, o total foi de 1.701 pessoas vivendo nas ruas. Outro estudo, realizado em 2015, pela iniciativa municipal (PMF, 2016) não mostrou muita variação. Curiosamente, em sete anos de diferença entre o primeiro e o segundo censos, os dados são praticamente iguais. Segundo a pesquisa realizada em 2008, havia 1.701 pessoas vivendo nas ruas de Fortaleza e em 2015 foram contabilizadas 1.718 pessoas. Os locais de maior concentração foram o centro e a região da beira-mar, que inclui a Praia de Iracema (PEREIRA, 2016, p,23).

É importante destacar que esses dados se tratam de pessoas adultas. E, como podemos observar na citação acima, os dados contabilizados em 2008 e em 2015 tiveram pouca diferença, o que pode nos fazer questionar sobre o porquê desse número ter se mantido praticamente o mesmo nesse intervalo de tempo, visto que grande parte dos trabalhos utilizados nessa pesquisa nos mostra um crescimento dessa população. Por isso, um dos objetivos específicos deste projeto de pesquisa consiste em identificar os itinerários dessas pessoas até a busca por abrigo na Praça do Ferreira, por entender que antes deste local essas pessoas possuem uma trajetória possivelmente migratória.

4.2 A praça e as visibilidades de sua ocupação

A Praça do Ferreira, situada no centro da cidade de Fortaleza, é palco de diversas exposições, shows, apresentações artísticas, campanhas políticas e da área da saúde, eventos e decorações temáticas, festivais, mobilizações, manifestações culturais e políticas entre outras atividades. Mas, apesar desta visibilidade positiva e do espaço público estar sendo utilizado para beneficiar a comunidade em geral, ainda existe muito preconceito destinado a praça, principalmente no que diz respeito a população de rua que ocupa este espaço como morada.

Para analisar a visibilidade da praça, decidi também analisar algumas matérias de sites mais acessados como O Diário do Nordeste e Tribuna do Ceará, para mostrar como a mídia retrata a realidade nesse local.

O site O Diário do Nordeste, lançou no dia 20 de outubro de 2014, uma matéria intitulada “Praça do Ferreira sofre abandono e depredação”, que critica a conservação da praça, e aponta a ocupação da população em situação de rua e seus hábitos e pertences espalhados pela praça como um dos responsáveis pela depredação do patrimônio histórico, além da falta de investimentos destinado a manutenção da infraestrutura do local.

Já em 18 de dezembro de 2017, o site Tribuna do Ceará, lançou uma matéria feita por Daniel Rocha, intitulada “Fim de ano registra invasão de moradores de rua na Praça do Ferreira”, a matéria mostra a percepção de frequentadores da praça que estão ou não em situação de rua, mostrando opiniões distintas sobre essas ocupações, a matéria ainda aponta as políticas públicas como falhas e insuficientes para resolver este problema.

Percebemos que nas duas matérias citadas acima, os títulos atraem a atenção do público de uma forma negativa, as duas mencionam a população em situação de rua do local como algo danoso e prejudicial, chegando a cita-los como invasores, e como culpados de depreciar o patrimônio público histórico daquele local. Esta visibilidade negativa mencionada acima é de sites de informação que se destacam em questão de acesso e que por isso, podem acabar compactuando com a perpetuação da imagem da pessoa em situação de vulnerabilidade social como causadora de danos, infortúnios e prejuízos.

No entanto, nem sempre a visibilidade da Praça será negativa, no ano de 2018, por exemplo, a praça passou a ter mais destaque e com isso passou a ter várias ocupações diferentes no decorrer do ano, vários eventos aconteceram, como a programação durante o

período de férias no Cine São Luís, a exibição dos jogos da Copa do Mundo, o show dos Transacionais, o show do artista Mano Brown e do coletivo Baile de Favela, foi anunciado um show de Marília Mendonça, sendo todas essas atividades com acesso gratuito a toda a população.

A Praça também abriga diversas campanhas como, por exemplo, de acordo com o site da ADPEC (Associação dos Defensores Públicos do Estado do Ceará), no mês de maio de 2018, defensores públicos começaram uma campanha de erradicação do sub-registro na praça do Ferreira cujo o tema foi: Onde existem pessoas, nós enxergamos cidadãos: Defensoras e Defensores Públicos pelo direito à documentação pessoal. Esta campanha teve como pareceria outros serviços voltados principalmente para a população em situação de rua. No mesmo ano, segundo o Tribuna do Ceará, em 10 de agosto, a Faculdade UNINASSAU em parceria com o HEMOCE (Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará), promoveu na praça do Ferreira uma campanha para doações de sangue, onde receberam doações voluntárias no dia 14 de agosto, no prédio da faculdade, com o objetivo de incentivar e informar a comunidade a importância de ser um doador.

Esta visibilidade positiva dada a praça como um espaço de conscientização, e de expressão artística e cultural, beneficia a toda a comunidade e possui grande importância para uma integração de toda a população de Fortaleza, para quebrar tabus, estigmas e dar visibilidade também aos problemas sociais, no entanto, se faz necessário mencionar que durante o ano de 2018, a partir do mês de maio, eu realizei algumas observações norteadoras para a criação deste projeto, e nos eventos em que pude presenciar e observar foi perceptível a falta de integração das pessoas em situação de rua que ocupam a Praça nos eventos, que como dito anteriormente são eventos gratuitos e de benefício a toda a população, deixando assim a sensação de exclusão desta população, que de acordo com Moura, Ximenes, Sarriera, (2013, p.20) sobre o uso do espaço público pelas pessoas em situação de rua dizem que, “mesmo que esses locais sejam para serem usados por qualquer pessoa, há uma política silenciosa que discrimina e impede as pessoas em situação de rua de fazer uso desses locais”.

Neste sentido, vinculando o que foi dito a princípio nesta categoria teórica e relacionando também a questão do uso do espaço público, trago uma análise de Santos (2013), que se refere a uma análise dos discursos dos jornais O povo e Diário do Nordeste a respeito da população de rua no ano de 2012.

De janeiro a abril, os assuntos mais tratados pelos jornais foram a ocupação dos moradores de áreas públicas da cidade (viaduto da Antônio Sales, Praça da Estação, Beira-mar, Dragão do Mar e Praça do Ferreira), o incômodo para os fortalezenses e turistas que eles trazem além da sujeira, insegurança e o uso de drogas [...] O tema das populações de rua somente é agendado pela mídia a partir do incômodo provocado, principalmente quando esses sujeitos ocupam áreas públicas e visíveis da cidade (SANTOS, 2013, p.104).

Ou seja, quando a imagem dessa população incomoda ela passa a ser bem mais retratada pela mídia, e mesmo o local mencionado acima sendo públicos é possível sentir a exclusão que se dá pelo preconceito e pelos estigmas sociais que essas pessoas carregam.

4.3 Experiências e interseccionalidade

Para dar início a estas categorias teóricas, é necessário apresentar os conceitos utilizados nesta pesquisa para experiência e interseccionalidade, para isso irei dialogar com os conceitos dos autores Guiddens e Sutton (traduzido por Claudia Freire, 2016) Macedo (2015) e Larrosa (2012).

Como já mencionado anteriormente, para Guiddens e Sutton (1938, p.153), uma definição prática de interseccionalidade seria: “o intercruzamento de desigualdades sociais, incluindo classe, “raça”/ etnia, gênero, deficiência, e sexualidade, que gera padrões mais complexos de discriminação do que de esses conceitos fossem dimensionados isoladamente.”

Trabalhar com esses marcadores de forma separada seria não só mais trabalhoso quanto não abordaria plenamente todas as formas de desigualdades que podem ser vividas por uma pessoa. Por isso trabalhar com o conceito de interseccionalidade é tão importante nesta pesquisa. Neste sentido,

A pesquisa interseccional é mais do que apenas, por exemplo, classe+raça+gênero. Em vez disso, o trabalho interseccional insiste que cada categoria influencia a outra, e, somadas, produzem formas de vivenciar o mundo “por vezes oprimido e marginalizado e, outras vezes, privilegiado e beneficiado, dependendo do contexto”, (GUIDDENS, SUTTON, 2016, p.155)

Quando se trata da população em situação de rua, como já trabalhado na apresentação deste projeto, nos referimo-nos a uma população heterogênea, no que diz à sua singularidade como sujeitos e aos seus marcadores sociais, e se estamos falando de uma

população heterogênea e de suas experiências, precisamos deste olhar interseccional definido acima.

E, no que diz respeito à experiência, é necessário proporcionar ao leitor uma definição do conceito de experiência utilizado neste projeto, pensando nisso escolhi a definição de Macedo (2015),

Os saberes da experiência resultam do *vivido pensado*. Acrescente-se, que a compreensão da experiência só se fará por atos de compartilhamento de sentidos e significados. Tendo como fonte fulcral a *vivência* singular dos sujeitos na sua emergência existencial e sociocultural, a experiência se estrutura como um denso e complexo processo de subjetivação de tudo que nos acontece, que nos passa, mediado por desejos, escolhas e intenções conscientes ou não, lúcidas ou erráticas, plasmados num certo tempo mas, também, tocada intensamente pela impermanência. (p19)

Quem poderia melhor falar de suas experiências se não os próprios participantes desta pesquisa? Pesquisar as experiências dessas pessoas é trabalhar com suas subjetividades, suas memórias, suas vivências, seus significados, experiências estas que segundo Larrosa (2002),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que ocorrem: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o autoritarismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos [...] (p.25).

Como pesquisadora, assumirei o compromisso de pesquisar com as experiências dos participantes através das narrativas obtidas em campo, sem interferir diretamente nas suas falas, permitindo que eles e elas escolham os acontecimentos que julgarem mais importantes, compreendendo que o meu lugar de fala quanto pesquisadora é de escuta.

Referente a essas experiências e a escolha da problemática deste projeto, destaco a importância de pesquisar com as narrativas das pessoas em situação de rua, permitindo que eles e elas falem por si mesmos sobre aquilo que lhes aconteceram, pois de acordo com minhas leituras a cerca deste tema, muitas vezes não lhes é dado nem mesmo o poder da fala sobre a situação em que vivem e sim da fala de terceiros, principalmente no que diz respeito a alguns discursos jornalísticos, como no exemplo da análise de Santos (2013) que será citado a seguir.

Apenas uma parte da informação é publicada nos jornais e o conteúdo e a natureza das mensagens que é passado para o leitor (o discurso) é determinado por essa

escolha. Por isso que em algumas matérias analisadas acima por vezes não apresentaram as falas dos próprios moradores de rua ou da Semas e o que foi publicado dos entrevistados é apenas uma parte da realidade que é editada desde a hora que a repórter faz a entrevista e escreve a matéria até ser publicada pelo editor.(p. 105)

Neste sentido, faz-se necessário destacar a relevância da categoria experiência neste projeto, assim como faz-se necessário destacar mais uma vez o interesse e a magnitude de utilizar as narrativas das pessoas em situação de rua que buscam abrigo na Praça do Ferreira nesta pesquisa.

E, para melhor explicar este pesquisar com a experiência, trarei abaixo mais uma vez a perspectiva de MACEDO (2015):

Pesquisar-com a experiência significa encontrar mundos subjetivados, incertos, ligados ao acontecer, ao singular. Portanto, acompanhar a experiência é mostrar as relações que estabelece com os acontecimentos. É assim que a pesquisa da/com a experiência pensa a subjetivação como simbolização constituída em interação, em negociações constantes de sentidos e significados. (p, 52)

Voltando a questão da heterogeneidade da população que será estudada e da subjetividade de suas existências e falas, não me cabe nesta pesquisa questionar a veracidade das narrativas dos/as participantes, e sim, compreender suas experiências, pois a partir dessas narrativas terei acesso aos seus pontos de vistas, percepções das situações vividas e do significado que carregam.

Neste tópico escolhi trabalhar experiência e interseccionalidade juntas, pois compreendo que elas estão diretamente relacionadas, e após defini-las e explicar devidamente a relação da pesquisa com essas categorias, gostaria de ressaltar que através das narrativas dos/as participantes, dos marcadores sociais que eles/as carregam consigo, e com este olhar interseccional, poderei possibilitar uma maior visibilidade a cerca dessas experiências.

5.0 METODOLOGIA

5.1 PESQUISA QUALITATIVA

O método escolhido neste projeto de pesquisa será o método qualitativo, que, segundo Godoy (1995, p. 58), tenta: “compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”. Visto que o objetivo geral deste projeto é compreender as experiências de pessoas em situação de rua que buscam abrigo na Praça do Ferreira, e entendendo que essa perspectiva metodológica escolhida busca a compreensão a partir do contexto em que o sujeito está inserido e de sua perspectiva singular.

Dessa maneira, esta é a abordagem que poderá melhor proporcionar uma visão sobre as singularidades dos significados dessas experiências e que englobará melhores descobertas. Para melhor compreensão, trago uma citação da autora Godoy sobre a pesquisa qualitativa aqui escolhida.

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Para estudar as relações sociais e suas significações, geralmente, tem-se utilizado o método qualitativo, por compreender que esse método não busca dados quantitativos sobre o fenômeno, mas se importam com as peculiaridades do processo da pesquisa, a partir do objeto estudado, das narrativas dos/as participantes, reconhecendo a diversidade e subjetividades da pesquisa nas ciências humanas, assim como a importância dos contextos e do local em que ocorrerá.

5.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Pretende-se compreender as experiências das pessoas em situação de rua que buscam abrigo na Praça do Ferreira, para isso, serão utilizadas, como informações acerca desse fenômeno, as narrativas dos sujeitos, pois se entende que, de acordo com Sandra Jovchelovith e Martin W. Bauer (2011):

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (p. 91).

Destacar as narrativas dos/as participantes da pesquisa se faz necessário por entender que este projeto está buscando apreender as suas experiências. Neste sentido, fomentar a narração sobre as vivências dessas pessoas é imprescindível porque apenas elas poderão falar por si, dos seus acontecimentos e relações, visto que muitas vezes eles/as são silenciados/as.

Assim, a pesquisa narrativa, é uma forma de abranger as suas diferentes visões, tendo um aprofundamento sobre os significados do objeto de estudo, e da sua pluralidade, presente nas trajetórias diversas da população em situação de rua, nas interpretações de suas experiências que também devem se dá de formas distintas.

Antes da abordagem dos possíveis participantes, tentarei me aproximar de uma forma não invasiva, informal, com os demais frequentadores da praça e então com os/as possíveis participantes da pesquisa. Os informarei que sou uma pesquisadora e que estou em busca de compreender quais são as experiências vividas por eles e elas na Praça do Ferreira. Em seguida explicarei aos mesmos sobre a participação espontânea e esclarecida nesse estudo, a preservação do sigilo de suas identidades, assim como também explicarei o direito de recusar a participar da pesquisa caso não se sintam à vontade.

O instrumento de produção de informações, neste caso, portanto, é uma observação exploratória e, posterior e principalmente, a entrevista voltada para a narração da trajetória, dos acontecimentos e das relações vividas na praça pelos/as participantes. Desse modo, será utilizada a técnica da entrevista episódica que de acordo com Uwe Flick (2007, p. 128): “a entrevista episódica abre espaço as subjetividades e interpretações do entrevistado no

contexto das narrativas situacionais; ela não as reduz e classifica imediatamente, mas ao invés disso descobre o contexto de sentido em que ela é narrada”.

Assim, para melhor conduzir dessas entrevistas episódicas e melhor abordagem dos meus objetivos específicos neste projeto, elaborei algumas perguntas ou tópicos orientadores da interação com os/as entrevistados/as:

- 1- Conte-me sobre sua trajetória de vida
- 2- O que você acha da praça?
- 3- Como você chegou até a praça? De onde você veio?
- 4- Conte sobre seu cotidiano na praça.
- 5- Conte os principais acontecimentos vividos na praça.

Essas perguntas estão relacionadas diretamente com os objetivos específicos delimitados neste projeto, por exemplo, a pergunta 3, compreende o primeiro objetivo específico que é identificar os itinerários das pessoas em questão até a busca por abrigo na Praça do Ferreira.

As perguntas 4 e 5, podem contribuir, respectivamente, para o alcance dos seguintes objetivos específicos: Descrever a partir das experiências vividas por essas pessoas, as relações mais significativas vividas por elas na praça do Ferreira e Conhecer os principais acontecimentos vividos por essas pessoas na praça.

Já o objetivo: possibilitar uma maior visibilidade acerca dessas experiências, será contemplado com a publicação do resultado da pesquisa e uma devolutiva na praça com participantes que ainda estejam lá.

As perguntas acima apresentadas e a sua relação com os objetivos específicos se faz necessária para me guiar na realização e análise dessas entrevistas, com isso poderei melhor contemplar os objetivos dessa pesquisa, facilitar a análise as narrativas e por fim ter ter êxito na maior visibilidade desse fenômeno.

5.3 LOCAL E DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES

A pesquisa será realizada em campo, na Praça do Ferreira, localizada no centro de Fortaleza, que de acordo com as minhas observações preliminares durante o ano de 2018, possui um grande movimento de pessoas todos os dias, além de lojas e comércios ao redor, e um número expressivo de pessoas em situação de rua utilizando o local como abrigo.

De acordo com a escolha de método, compreende-se que realizar a pesquisa em campo é uma estratégia para aproximação e observação dos participantes, pois de acordo com Gunther (2003, p. 203.): “todas as variáveis do contexto são consideradas como importantes”. Dessa forma, realizar a pesquisa em campo é algo imprescindível, principalmente levando em consideração que se trata de uma pesquisa sobre a experiência das pessoas neste local.

Foram feitas essas observações durante o ano de 2018, intercalando os turnos para possibilitar uma visão mais ampla dos frequentadores durante cada turno, a fim de coletar informações iniciais para a formulação deste projeto. Para a eficácia da pesquisa em campo, se fará necessário um aprofundamento dessa observação, a fim de identificar formas de aproximação dos sujeitos e possíveis participantes disponíveis para a entrevista. Em seguida à observação, a entrevista poderá se dá também na praça pois, conforme Uwe Flick (2007, p.118): “a entrevista episódica se baseia em um guia de entrevista com o fim de orientar o entrevistador para os campos específicos a respeito dos quais se buscam narrativas e respostas”.

Por considerar a possível diferença dos/as frequentadores/as da praça durante os distintos turnos, essas entrevistas poderão ocorrer em horários diferentes, objetivando obter narrativas de experiências que mesmo referentes a sujeitos que estão em situação de rua na referida praça trarão possivelmente significados diferentes, a partir de cada ponto de vista e vivência singular.

Os/as participantes da pesquisa serão pessoas em situação de rua que possuam diferentes marcadores, para alcançar a heterogeneidade dessa população, e que aceitem participar da pesquisa por livre e espontânea vontade, o único critério estabelecido é que estejam utilizando a Praça do Ferreira como abrigo.

Durante as observações e a identificação dos participantes, irei coletar informações a respeito de suas trajetórias, do tempo estão da praça, entre outras informações, a partir das perguntas anteriormente descritas.

5.4 ANÁLISES DOS DADOS

Para analisar as informações obtidas em campo através das observações e entrevistas, será feita a transcrição das gravações e em seguida a análise das narrativas obtidas em campo. Como a técnica escolhida neste projeto é a entrevista episódica, é importante ressaltar que esta técnica permite o entendimento sobre os conteúdos presentes nas narrações e tem interesse no conhecimento produzido no e sobre o cotidiano.

A partir das entrevistas episódicas com os/as participantes será feita a transcrição fidedigna dessas narrativas, que: “deve ser gravada e transcrita em sua totalidade e detalhadamente” (BAUER; GASKELL, P. 125). Assim como também deve ser feita de forma ética, e então, já a permitir a percepção do quanto os seus conteúdos estão relacionados às perguntas e aos objetivos específicos deste projeto.

Neste sentido, a partir de Zacarelli e Godoy (2013): pretende-se a compreensão das narrativas dos/as participantes através a articulação de duas perspectivas: a análise temática e com a análise dialógica. Na primeira: “o foco da análise temática é a investigação do que é dito e experienciado pelo narrador” (ZACARELLI, GODOY, 2013, p. 28), ou de outro modo, esta análise se interessa pelo conteúdo e pela experiência do/a narrador/a, já a análise dialógica se interessa pelo contexto, pela experiência em que a narrativa ocorre.

Ao considerar que o objetivo deste projeto é compreender as experiências dos sujeitos na praça, a análise terá como foco as suas narrativas sobre e nesse contexto, o entendimento das escolhas e de suas percepções dos acontecimentos ali vividos, pensando nos significados que eles trazem para os/as narradores/as assim como também a análise do diário de campo que será feito e utilizado no decorrer da pesquisa.

6.0 REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALCANTARA, Stefania Carneiro de; ABREU, Desirée Pereira; FARIAS, Alessandra Araújo. **Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença.** Revista Colombiana de Psicologia, Bogotá, v. 24, n. 1, p. 129-143, ene./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rcps/v24n1/v24n1a09.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

AMADO, J. **Capitães da Areia.** Companhia das letras, 1937.

ANADEP- Campanha Nacional dos Defensores Públicos 2018 – 2018 – disponível em: <https://www.anadep.org.br/wtk/pagina/materia?id=36889> – acesso em: 20 de julho de 2018.

BAUER, W. Martin; GASKELL (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552004000200016. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

BENEDICTO, Marcelo - Desemprego volta a crescer no primeiro trimestre de 2018 – 2018 - <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995-desemprego-volta-a-crescer-no-primeiro-trimestre-de-2018> - acesso em: 20 de julho de 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha 2002, Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> . Acesso em: 20 de julho de 2019.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.** Secretaria Nacional de Assistência Social e Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Relatório do II Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua. Brasília, 2009. Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/PainelPEI/Publicacoes/S103%20-%20relatorio_pop_rua.pdf. Acesso em: 11 de julho de 2018.

CAVALCANTE, Beatriz dos Santos. **ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS DIÁRIO DO NORDESTE E O POVO A RESPEITO DA POPULAÇÃO DE RUA DE FORTALEZA.** 2013. Graduação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Guia de Atuação Ministerial:** defesa dos direitos das pessoas em situação de rua. Disponível em: http://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/Guia_Ministerial_CNMP_WEB_2015.pdf. Brasília - CNMP, 2015. Acesso em: 22 julho de 2018.

SCOREL, S. (2009). A Saúde das pessoas em situação de rua. Em Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua aprendendo a contar**: Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Brasília: MDS. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2018

META, Instituto de Pesquisa de Opinião. Relatório Final do Primeiro Censo Nacional e Pesquisa Amostral sobre a População em Situação de Rua. Porto Alegre, 2008. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 11 de julho de 2018.

FERNANDES, K. B. “E por falar em política...” – **Marcas de narrativas midiáticas sobre política em conversas na Praça do Ferreira**. Fortaleza, CE, 2010. Pós graduação. Univeridade Federal do Ceará, 2010.
Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1293>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre. Penso, 2013.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. “População em situação de rua”; Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/populacao-situacaorua.htm>. Acesso em: 15 setembro de 2018

GARCIA – Kelly – Praça do Ferreira sofre abandono e depredação –2014.
Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/praca-do-ferreira-sofre-abandono-e-depredacao-1.1129403>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>Acesso em: 10 setembro de 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES, **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008Acesso em: 15 de setembro de 2018.

GULART, Luciano Roberto Cabral Júnior, José Ricardo Caetano Costa. **Barreiras à cidadania nas políticas sociais para a população em situação de rua**. VOLUME 6, N 2, OUT. 2016. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/RBPP/article/view/4143>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, W. Martin. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, W.

Martin; GASKELL (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, cap. 4, p.90-113.
Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência** - compreender/mediar saberes experienciais. Editora CRV, 2015. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

MARTINS, Maria de Fátima Almeida. Moradores de Rua em Belo Horizonte: **A vida nas ruas e a construção de possibilidades de formação das redes sociais da cidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. P, 15.
Disponível em: <https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/73073.pdf>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

MOURA JR.; XIMENES; SARRIERA, (2013). **Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua**: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil. *Revista de Psicologia*, 22(2), 18-28. doi: 10.5354/0719-0581.2013.30850.
Disponível em : <https://revistas.uchile.cl/index.php/RDP/article/view/30850>. Acesso em: 11 de maio de 2018.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. **Estimativa da população em situação de rua no brasil**. Texto para discussão. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf. Brasília/Rio de Janeiro, 2016. Acesso em: 15 de maio de 2018.

PAZ, Antonio Fabio Pereira. **LIBERDADE OU SOFRIMENTO URBANO? : UM ESTUDO DA ESTIMA DE LUGAR DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**, Mestrado.Universidade Federal do Ceara (UFC), 2016.
Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/>.Acesso em 01 de setembro.

BRASIL, **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. DECRETO Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 10 de julho de 2018,

ROCHA – Daniel – Fim de ano registra invasão de moradores de rua na Praça do Ferreira– 2017 – <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/fim-de-ano-registra-invasao-de-moradores-de-rua-na-praca-do-ferreira/>– *acesso em*: 10 ago. 2018.

RUA: aprendendo a contar: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua.— Brasília, DF: MDS: Secretária de Avaliação e Gestão da Informação, Secretária Nacional de Assistência Social, 2009.

Disponível em:

https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2018.

SANTOS, M. **Por outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003, 174p.

Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228820>.

Acesso em: 10 de Junho de 2018,

ZACCARELLI, L; GODOY, A. **“Deixa eu te contar uma coisa...”**: Possibilidades do uso de narrativas e suas análises nas pesquisas em organizações. Revista Gestão Organizacional, v. 6, n.3, ed. Especial, p. 25-36, 2013.

Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/31722/-deixa-eu-te-contar-uma-coisa-----possibilidades-do-uso-de-narrativas-e-sua-analise-nas-pesquisas-em-organizacoes>.

Acesso em: 15 de setembro de 2018.